

ILHA DIANA

Suplemento Especial - Ano 1 - Edição 1 - novembro/2005



Navegar é preciso . . .

*O cotidiano e as dificuldades de um dos
últimos vilarejos caiçaras da cidade de Santos*

INFRA-ESTRUTURA

Transporte 4-5
Saneamento Básico 6-7
Energia Elétrica 8-9



EMBRAPORT

Grupo Coimex 10-13



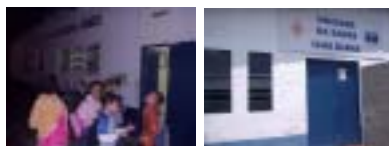
RETRATOS DA ILHA

Ensaio Fotográfico 14-15



SAÚDE/EDUCAÇÃO

Educação 16
Saúde 17



MEIO-AMBIENTE

Lixo 18-19



TRABALHO

Trabalho e Pesca 20-21



LAZER

Futebol 22
Bares 23



RELIGIÃO

Festa do Bom Jesus 24-25



PERSONAGEM

Dona Dina 26-27



UNIVERSIDADE SANTA CECÍLIA - UNISANTA

Faculdade de Artes e Comunicação

(FaAC)

Trabalho de Conclusão de Curso

(TCC)

Ilha Diana - Suplemento Especial

Jornalismo - 2005

Diretor da FaAC:

Prof. Humberto Iafullo Challoub

Coordenador de Jornalismo:

Prof. Robson Bastos da Silva

Orientador do TCC:

Prof. Francisco La Scala Jr.

Editor:

Marcelino Silva

Repórteres:

Marcelino Silva

Renato Barros

Projeto Gráfico:

Marcelino Silva

Renato Barros

Márcia Molnar

Foto / capa:

Marcelino Silva



A ilha que os santistas não conhecem

Localizada entre o canal de Bertioga e o rio que lhe empresta o nome, a Ilha Diana é um pedaço de terra parcialmente isolado do mundo urbano, mesmo estando bem próxima do maior complexo portuário da América Latina. O lugar começou a ser habitado na década de 40 depois da desapropriação da Vila da Bocaina, em Vicente de Carvalho, distrito de Guarujá. No local onde os habitantes da ilha moravam foi construída a pista de pouso da Base Aérea de Santos.

A comunidade é uma das últimas colônias de pescadores da Baixada Santista. Nela vivem 174 pessoas, distribuídas em 47 famílias (68 homens, 64 mulheres e 42 crianças e adolescentes). Seus moradores se conhecem por apelidos e conservam tradições como a pesca artesanal e a fé religiosa em Bom Jesus de Ilha Diana. É comum terem os mesmos sobrenomes, pois a maioria da população é descendente das famílias Gomes, Hipólito, Quirino e Souza. Elas foram as primeiras a deixar a Bocaina e a povoar o vilarejo.

Poucos santistas sabem que o bairro existe e que pertence ao município. É um lugar especial que fica na Área Continental, a 20 minutos do centro da cidade. A Ilha Diana sofre com problemas de infra-estrutura e carece de uma política de educação e preservação ambiental. Para os visitantes é um recanto exótico. Já os moradores, a consideram um paraíso.

Este suplemento especial sobre a Ilha Diana nasceu acreditando no trabalho de fôlego e criterioso da grande-reportagem e com o objetivo de fazer um raio-X em uma comunidade isenta da correria e violência comuns nos centros urbanos. Foram dez visitas ao lugar, algumas noite a dentro. No decorrer da reportagem observamos que as autoridades públicas e o empresariado querem ajudar a comunidade, mas o esforço feito tem sido pouco para atender as necessidades e demandas.

Temos a expectativa de que com a publicação deste trabalho jornalístico, poderemos contribuir para a melhoria da qualidade de vida e para a divulgação daquela comunidade pouco conhecida. Só não temos certeza se depois da construção de um terminal portuário nas proximidades, a ilha continuará sendo um refúgio calmo ou se ela fará parte do mundo moderno, agitado e desenvolvido.

O povo é o melhor cartão postal do lugar. São caiçaras simples que tratam a todos muito bem e com o máximo de respeito. Não se negam em oferecer um prato de comida para aqueles que os visitam ou até mesmo uma cama para dormir se o último barco já partiu.

Assim, sejam bem-vindos à Ilha Diana!

"Se a canoa não virar..."

Marcelino Silva

A viagem começa no atracadouro que está localizado no cais atrás do prédio da Alfândega, no centro de Santos. Ao chegar é possível perceber a grande movimentação do sistema de travessia marítima entre Santos e o distrito de Vicente de Carvalho, em Guarujá. O terminal, que opera 24 horas por dia e transporta acima de 500 passageiros em cada embarcação, não tem nada a ver com as poucas pessoas que precisam chegar à Ilha Diana.

Os visitantes precisam ficar atentos pois boa parte das pessoas que passam ali não sabe responder como se faz para chegar e nem onde fica a tal ilha. À direita do terminal, caminhando alguns metros pelo velho cais de paralelepípedos, é possível avistar o local correto de atracação, próximo aos abandonados guindastes da antiga Companhia Docas de Santos.

O atracadouro fica debaixo de uma passarela de pedestres onde os horários de embarque estão pintados à mão em uma de suas pilastras. É neste abrigo que as pessoas aguardam, num banco improvisado de madeira, a chegada da barca que os levará para ilha. A paciência é uma boa dica, pois os horários não são constantes e a chuva pode alterar o humor dos passageiros. Aos poucos, o ambiente fica descontraído com o bate-papo dos moradores.

Este transporte é gerenciado pela Companhia de Engenharia de Tráfego

(CET-Santos), mas está sendo operado por um barco privado, já que a embarcação municipal, a barca "Diana", está parada desde o final de 2004 (veja a seguir). Três marinheiros de convés da companhia trabalham em turno de revezamento nas 20 viagens diárias. Atualmente, eles fazem a cobrança e a fiscalização do serviço. A capacidade do barco é de 25 pessoas e a tarifa custa R\$ 0,25. Crianças, estudantes e idosos não pagam passagem.

No balanço do mar

Os marinheiros da CET auxiliam no embarque e desembarque dos passageiros. Alcides Pereira de Carvalho, Edival Manuel Gomes e Marcos Farias dos Santos são responsáveis pela segurança da embarcação. "Às vezes, enfrentamos fortes ventos e marolas agitadas. Neste caso, o barco balança muito. Temos que acalmar os mais assustados. Felizmente é raro isso acontecer", conta Gomes. Ele é o único dos três que mora na ilha.

A viagem à Ilha Diana dura cerca de 20 minutos. Para chegar nela é necessário atravessar o canal do estuário de Santos e seguir na direção da confluência com o rio Diana. A travessia é contemplada com uma bela vista do Porto de Santos e do Monte Serrate. No meio do caminho, uma parada é feita no píer da Base Aérea. Soldados da Aeronáutica desembarcam e moradores que foram às compras em Vicen-

Os barcos e as condições do mar fazem parte do dia-a-dia dos moradores e visitantes da Ilha Diana. O transporte marítimo é o único meio de chegar e sair do vilarejo isolado pela natureza

te de Carvalho aproveitam para voltar para casa. Eles são autorizados a usar o quartel como meio de passagem.

No trecho de entrada do Rio Diana, em meio aos manguezais, é possível ver peixes, como o Parati, saltando para fora d'água e pescadores artesanais caçando mariscos nos bancos de areia. O marinheiro Santos diz que já presenciou momentos emocionantes no trajeto. "Em dia de maré mansa e sol forte, eu tive o prazer de ver vários botos nadando perto do barco".

Ao contornar a primeira curva do rio já é possível ver as diversas casas da vila. A barca atraca em frente à Escola Rural da Ilha Diana.



Fotos: Marcelino Silva

Santos não se cansa das várias viagens do dia.



Perder o barco significa esperar muito.

"Chatinha" nossa de cada dia

Não existem carros na Ilha Diana. No lugar dos convencionais automóveis, estacionados nas garagens, os moradores têm suas "chatinhas" atracadas em frente às casas. A pequena embarcação tem esse nome porque o fundo do casco é reto (chato). Pode ser fabricada em alumínio ou madeira. Aquelas que não têm motor são utilizadas a remo. Elas são usadas para pescar, passear e transportes em geral.

A dona de casa Luiza Aparecido Hipólito Alves explica que seu marido não é pescador e mesmo assim a "chatinha" é indispensável no dia-a-dia. "Ele trabalha no comércio em Santos. Quando está de folga, usamos o barco se precisarmos sair de casa. Podemos fazer compras ou levar os filhos na escola. Também carregamos lixo, gás de cozinha e materiais de construção. Assim, não dependemos dos horários da barca da CET".

Triste fim de Diana

Uma das principais conquistas da comunidade em todos os tempos, a

barca "Diana" está abandonada há quase um ano no atracadouro da ilha. Inaugurada em novembro de 1992 e operada na época pela Companhia Santista de Transportes Coletivos (CSTC), o equipamento atendeu a uma antiga reivindicação dos moradores: possibilitou a integração da Ilha Diana com o município-sede.

O presidente da Sociedade de Melhoramentos, Edvaldo Domingos de Lima, o Cabedelo, protesta em razão da situação. "O motor da barca foi retirado em dezembro de 2004 pela CET. Levado para manutenção, nunca mais voltou. O aluguel da embarcação atual daria para comprar vários motores novos. O barco particular não fica à nossa disposição. Tínhamos a chave da "Diana" e podíamos usá-la numa emergência. Do jeito que está hoje, a barca vai apodrecer e não será mais aproveitada".

Segundo ele, a Prefeitura paga R\$ 9 mil pelo aluguel do barco que pertence a um empresário da praia do Góes, em Guarujá. A assessora de comunicação da CET, Cleide Quintas, em entrevista concedida no mês de agosto, não soube dizer quando a embarcação voltará a operar. Segundo ela, os moradores não estão sendo prejudicados porque a empresa mantém um barco para fazer o transporte. Cleide não revelou o valor que é pago pela locação.

Também no mês de agosto, uma comissão de moradores foi recebida pelo prefeito João Paulo Tavares Papa. "Entregamos um relatório de ampliação dos horários. Ele prometeu consertar a barca e contratar dois moradores para cuidar e fazer a operação do equipamento", conta Elisa Maria da Silva, diretora da sociedade.



So ó nome é de princesa . . .



Encalhada pelo tempo



Transporte de pedra e areia



Embarque em Santos



Cais atrás da Alfândega

A água é deiz, mas o esgoto...

Renato Barros

Fotos: Marcelino Silva

O Rio Diana é continuamente contaminado pelo esgoto doméstico

Um dos motivos de orgulho de dona Antônia Bittencourt de Souza, a moradora mais antiga da ilha, é a água limpa que sai de sua torneira. “Essa água é ótima. É da Sabesp”, oferece com as mãos calejadas da vida de trabalho e a pele enrugada pelo tempo e castigada pelo sol. O abastecimento d’água é um dos poucos serviços públicos que funcionam de forma regular no bairro.

O orgulho da anciã de 86 anos teve origem no início dos anos 80, quando a empresa levou a água do Rio Jurubatuba, em Guarujá, para a Ilha Diana. Essa captação é tida como de primeira qualidade, conforme a resolução nº 20, do Conselho Nacional do Meio Ambiente.

Mas se por um lado a água é boa, o saneamento básico é inexistente. E esse é o terceiro maior problema da Ilha Diana, conforme explica o líder da comunidade, Edvaldo Domingos de Lima, conhecido como Cabedelo. “Na ilha, das 47 casas, apenas o Centro Comunitário possui fossa para esgoto. No mesmo local funcionam o posto de saúde e a escola”. As demais residências derramam os efluentes domésticos diretamente no rio Diana, onde os próprios moradores pescam para se alimentar e vender.

Riscos à saúde

O biólogo Fernando Santiago dos Santos diz que os efluentes despejados no rio são focos de problemas de saúde. “Apesar de ser facilmente depurado no ambiente, quando produzido em pequena quantidade, o esgoto orgânico gerado pelas fezes humanas oferece muitos riscos”. Segundo Santos, o perigo está no contato das pessoas com esse material, seja pela falta de

Quarenta e sete casas produzem esgoto diariamente na ilha. Apesar disso, somente um imóvel trata os efluentes por meio de fossa séptica

higiene ou pelo consumo de alimentos contaminados. “Moluscos e crustáceos são animais filtradores. Isso não faz mal para eles, mas é prejudicial aos humanos. Comer mariscos, caranguejos e camarões, contaminados por coliformes fecais, pode ocasionar doenças como diarreia, entre outras. Isso é preocupante numa comunidade isolada”, explica.

Providências públicas

A Sabesp fez um anteprojeto para coletar e tratar o esgoto de toda a ilha. Segundo o superintendente da empresa, Paulo Roberto de Queiroz, a não realização da obra se deve ao fato de a ilha estar em área de preservação permanente. “Temos o interesse em tratar o esgoto daquele santuário ecológico. Mas não dá para resolver nada sem a legalização fundiária do local. É necessário um Termo de Ajustamento de Conduta entre a Sabesp, a Prefeitura e os órgãos ambientais competentes. Depois que regularizar a terra, poderemos implantar a rede coletora”, enfatiza.

A Prefeitura de Santos informa que a obrigação formal de construir a rede de esgoto é da Sabesp. “A empresa tem a concessão estadual para explorar e fornecer estes serviços”, afirma o secretário de Governo, Márcio Lara. Ele diz que o atual projeto, feito pela empresa, foi um pedido direto do prefeito João Paulo Tavares Papa. O custo aproximado

da obra fica em R\$ 180 mil.

Lara revela que a Prefeitura está negociando com a Sabesp, a possibilidade da Empresa Brasileira de Terminais Portuários (Embraport) contribuir na realização do projeto. A empresa está em fase de licenciamento ambiental e pretende se instalar próximo da Ilha Diana. “Os interesses são convergentes, mas as visões não são as mesmas. Estamos conversando constantemente. Esperamos que eles possam ajudar nesse problema”.

Segundo o secretário, diversas medidas estão em andamento para facilitar o desenvolvimento da ilha. “A regularização fundiária é uma das prioridades. Queremos que as pessoas tenham registrado em cartório a posse de seus imóveis. Assim, o bairro poderá ser incluído e regularizado urbanisticamente, facilitando os serviços e as intervenções públicas”.

O representante da comunidade parece desanimado. Cabedelo diz que a Prefeitura abandonou os moradores da ilha e que a comunidade já cogitou a ideia de tentar se anexar ao município de Guarujá. Segundo ele, os moradores desejam ter a escritura de posse de seus imóveis e que estariam dispostos a pagar todos os impostos necessários. “Seria melhor que cada um tivesse a sua situação regularizada. Quem sabe seria mais fácil exigir as melhorias a que temos direito”, avalia.



A ligação d'água passa pelo esgoto



Os caranguejos convivem na sujeira



O solo é diretamente afetado



Os canos saem direto das casas



O cheiro é forte nas proximidades

População sofre há anos com apagões

Renato Barros

Apontado como principal problema do bairro, as constantes quedas de energia tiram o conforto, o sono e a luz dos moradores da ilha

Cabedelo diz que a população tem medo de acidentes elétricos na cabine

“Um rabicho da Codesp”. A frase é forte, mas a ex-secretária municipal de Meio Ambiente Débora Blanco Bastos Dias – que ocupava o cargo quando da concessão da entrevista - está correta ao disparar esse comentário. Afinal, a falta de energia elétrica é o principal problema que a comunidade da Ilha Diana enfrenta há vários anos. E a que existe se compara mesmo a um rabicho puxado da energia proveniente da estatal.

A energia elétrica chegou ao lugar há 22 anos. Mas na época, 20 famílias foram contempladas. De lá para cá a ilha cresceu, mas os investimentos em energia elétrica não. Hoje, 47 residências sofrem com constantes apagões e variações de correntes. Problemas que se agravam no crepúsculo. Os moradores já perderam as contas de quantos eletrodomésticos já queimaram. “Gente velha adora assistir televisão. Minha mãe já perdeu três aparelhos”, diz Eugênio Bittencourt de Souza, o Jabuca, filho da moradora mais antiga.

A insuficiência de energia prejudica o desenvolvimento. Tanto que para viabilizar o anteprojeto de saneamento básico da Ilha Diana, a Sabesp optou pelo sistema de fossa filtro ao invés de uma estação de tratamento convencional. O sistema escolhido retira 70% do material orgânico das águas servidas, o que é “adequado para o local”, segundo o superintendente da empresa Paulo Roberto de Queiroz.

Os moradores vão driblando como podem o problema. Embora a cerveja de Manoel Pedro Alves, o Pezão, esteja sempre gelada, ele, assim como os outros pescadores, retira o alimento do rio apenas na hora de ir à panela. Os mariscos, por exemplo, são conservados em baldes com água do mar. Providências como essas deixam o pescado e frutos do mar frescos, já que a geladeira pode queimar a qualquer momento.

Elizabeth Alves, esposa de Pezão, reclama dos prejuízos e dos transtor-

nos enfrentados pelo casal: “Já perdemos uma geladeira e vários aparelhos de som. No inverno, o banho quente é impossível após às 18 horas. No verão, sofremos demais com o calor, os ventiladores não funcionam com as constantes quedas de energia. À noite, as ruas não têm iluminação. É difícil sair de casa na escuridão”.

Obrigação de fornecimento

Para atender a Ilha Diana, a Codesp cede parte da energia que abastece suas atividades portuárias na Ilha Barnabé. O cabo que leva energia aos moradores passa por dentro do manguezal e atravessa o Rio Diana por debaixo d’água. Os técnicos afirmam que o fato do cabo estar danificado pelo tempo e cheio de emendas é a principal causa das oscilações na rede. A empresa diz que a obrigação do abastecimento é da concessionária pública que fornece energia elétrica para o município de Santos e que por isso cobra uma taxa simbólica da coletividade.

O líder comunitário, Edvaldo Domingos de Lima, o Cabedelo, diz que os moradores não se incomodam em ter que pagar a conta de luz como o restante da população da cidade paga, desde que o fornecimento seja feito com qualidade. Para ele, a Codesp não tem obrigação de prestar o serviço. “A empresa presta um favor para nós. Seus técnicos vieram numa reunião e disseram que se for mexer, arrancam de vez o abastecimento. É ruim com eles, pior será sem eles”.

Outro problema que atinge a ilha é o desbarrancamento das margens. Com isso, há postes de luz caindo. Cansados de esperar por reformas, moradores se uniram para fazer consertos provisórios. “Uma empresa da região nos cedeu uma boa quantidade de cabo. Vamos trocar o trecho do cabeamento danificado, antes que a cabine onde fica a chave geral pegue



Chave geral de todas as casas



Cabos doados por uma empresa



Postes ameaçam cair

fogo novamente. Quem sabe o problema diminui”, desabafa Cabedelo.

Segundo o secretário de Governo de Santos, Márcio Lara, que é responsável pela Área Continental, os estudos feitos com a concessionária CPFL apontam um investimento de R\$ 400 mil para a construção de uma rede adequada de distribuição. Ele diz que todos os esforços estão sendo feitos no sentido de se resolver a questão da forma mais rápida. “Enquanto o problema não é resolvido e a obra não começa, o valor referente ao consumo da comunidade continuará sendo subsidiado pela Prefeitura Municipal”, explica.



Fotos: Marcelino Silva/Renato Barros

Foto: Divulgação

O futuro terminal ficará ao lado da Ilha Diana

VIZINHO *de grande porte*

Marcelino Silva

Visualizar o futuro das exportações brasileiras, buscar um diferencial nas suas atividades e fazer a própria operação portuária. Foi com esses objetivos que o Grupo Coimex adquiriu o terreno conhecido com Sítio Sandi, localizado na Área Continental de Santos, entre os rios Sandi e Diana. O imóvel foi comprado da Companhia Docas do Estado de São Paulo e está fora da área de concessão do porto organizado. Com valores atualizados, a área negociada, em 1996, custou U\$\$ 12 milhões (R\$ 28 milhões).

No local, o grupo pretende construir o primeiro terminal multiuso da América Latina. Para isso, criou a Empresa Brasileira de Terminais (Embraport). Projetado especi-

almente para o Porto de Santos, o terminal será edificado na margem esquerda do canal do estuário, bem próximo da comunidade da Ilha Diana. A relação será semelhante àquela, onde o vizinho mora do outro lado da rua. Neste caso, do outro lado do rio.

Segundo o diretor-superintendente da Embraport, Mozart Miranda Mendes, o novo terminal vai operar mercadorias diversas e irá ampliar em 15% a capacidade do porto. “A projeção anual é de escoar um milhão de contêineres e 1,5 milhões de metros cúbicos de álcool, além de movimentar produtos agropecuários (carne congelada) e automóveis”.

A área construída ocupará somente 650 mil metros quadrados do

terreno. Privilegiando a parte sul, frontal ao estuário, ficará o cais e o pátio de manobra. Na parte norte serão instalados tanques para armazenamento de granéis líquidos. O cais terá 1.200 metros e poderá receber simultaneamente até oito navios. Serão dois píeres com capacidade para quatro navios graneleiros e outros quatro berços para carga geral.

O acesso ao terminal também poderá ser feito pelo ramal ferroviário de Conceiçãozinha e pelo sistema Anchieta-Imigrantes, por meio da rodovia Cônego Domenico Rangani (antiga Piaçaguera-Guarujá). “A estrutura viária e as opções de transporte foram importantes na concepção final do projeto”, diz Mendes.



Mangue no local da obra



O terminal poderá ser visto de Santos



Sede da empresa em São Paulo

Grupo Coimex pretende construir o maior terminal portuário privativo do País. Ao custo de U\$\$ 320 milhões, o empreendimento ocupará uma área de um milhão de metros quadrados ao lado da Ilha Diana

Início das obras

O projeto deve ser totalmente implantado em sete anos. O início da obras está previsto para o começo do ano de 2006. A primeira parte deverá ser entregue em dois anos e permitirá o funcionamento de 600 metros de cais. “Vamos empregar de 300 a 500 operários na obra. Depois de concluído, o Embraport vai gerar 800 postos de trabalho fixos na operação. Ao final de dois anos, atracaremos o primeiro navio”, revela o diretor da empresa.

Serão investidos, na obra civil e no aparelhamento do terminal, aproximadamente U\$\$ 320 milhões

(cerca de R\$ 736 milhões). Depois de erguido, o terminal vai ocupar o espaço entre a Ilha Barnabé e a Base Aérea de Santos. Onde hoje existe uma vegetação de mangue, cercada por bancos de sedimentos, no futuro será fácil de identificar o novo complexo portuário.

Ele explica que os impactos causados ao meio ambiente foi uma das principais preocupações do grupo. “Estamos em fase final de licenciamento ambiental. O nosso projeto está desenvolvido para ser o estandarte em termos de instalação portuária, mas com o cuidado impecável na parte ecológica. O nosso EIA-Rima (Estudo e Relatório de Impacto Ambiental), com mais de 10 mil páginas, é prova disso. Ao custo muito alto, estamos buscando as melhores soluções de engenharia e de preservação ambiental”.

Diversos fatores foram analisados para que o município fosse escolhido como sede do empreendimento. “Além de ser o porto mais importante do Brasil, é por onde a Coimex escoia a maioria das suas exportações. A cidade se destacou pelas facilidades de acesso viário, pelo tipo de estuário e pelas empresas que já operam nela. Com tudo isso, o pagamento do nosso investimento deve vir em 12 anos. Inegavelmente, Santos não tem competidor na economia brasileira”, assinala Mendes.

O Grupo Coimex

- ⇒ Fundado em 1949, em Vitória, Espírito Santo;
- ⇒ Iniciou suas atividades na exportação de café;
- ⇒ 100% controlado por capital nacional;
- ⇒ Negócios administrados pela holding Coimexpar
- ⇒ Presente em quase todos os estados brasileiros e mais sete países;
- ⇒ É um dos maiores conglomerados empresariais no setor de comércio internacional;
- ⇒ Atua nas áreas de importação, exportação, logística, agropecuária, energia elétrica, serviços financeiros, concessão de rodovias, operação portuária, consórcio e comércio de automóveis.

Empresa prepara medidas compensatórias

Além das medidas condicionantes do Ibama, a Embraport pretende profissionalizar os moradores da ilha. Apoiar o turismo ecológico e fazer a capacitação profissional são os objetivos

Desde 2002 representantes da Embraport estão fazendo o levantamento socioeconômico dos habitantes da Ilha Diana. A medida visa conhecer as condições de vida da comunidade, excluir dúvidas sobre o processo de implantação do terminal portuário e identificar as vocações profissionais de seus moradores. O censo faz parte do licenciamento ambiental analisado pelo Ibama e contém todas as informações sobre as famílias do lugar.

Segundo o diretor-superintendente da empresa, Mozart Miranda Mendes, uma das principais medidas condicionantes, impostas pelo Ibama, foi à elaboração de um Programa de Apoio à Pesca. Ele diz que estudos mostram uma decadência na pesca artesanal na região, causada por diversos motivos.

O diretor explica que a Embraport não vai substituir o poder público, mas que vai colaborar com vários projetos. “Em longo prazo vamos criar recifes artificiais. Se possível, vamos aumentar a quantidade de peixes do lugar. Esperamos que o nosso projeto seja uma alavanca para aqueles que sobrevivem da pesca artesanal”.

Em curto prazo, a empresa quer investir na capacitação dos profissionais que são vítimas da pesca decadente. Um dos programas de inserção social visa o desenvolvimento do turismo ecológico. Os pescadores, interessados no projeto, seriam treinados para receber e acompanhar os turistas em passeios pelos manguezais da Área Continental de Santos. Mendes lembra que, para isso, é preciso melhorar

“Não vamos adotar a Ilha Diana”



Mendes acredita no investimento social

a infra-estrutura de saneamento e de transporte da ilha.

Oportunidade de trabalho

Outro programa de reciclagem profissional, proposto pela Embraport, pretende treinar os jovens da ilha para que sejam aptos a trabalhar nas operações do novo terminal. Estudos feitos pela empresa apontam que os mais novos possuem um contato direto com o mundo moderno, por isso não despertam um maior interesse pela prática da pesca artesanal. “Queremos identificar as vocações que cada um tem para ingressar na nossa empresa. Seja para trabalhar como motorista, como operador de empilhadeira ou nas demais funções”, promete Mendes.

A complexidade do terminal e a operação de seus equipamentos vão requerer um preparo adequado. Até mesmo na parte operacional será exigido o ensino médio completo. Segundo Mendes, os interessados vão receber oportunidades e incentivos para trabalhar. “Vamos dar uma ajuda de custo aos que precisam completar os estudos ou querem praticar um curso técnico. Eles terão dois anos para fazer isso. Só depende deles”.

A Fundação Otacílio Coser, que cuida do investimento social do Grupo Coimex, seria responsável em administrar os projetos de educação e desenvolvimento humano destinados à população. Para isso, envolverá seus profissionais em ações voluntárias para a comunidade. “O pessoal da nossa fundação entende disso. Não vamos jogar dinheiro fora. Pretendemos oferecer 50 vagas aos moradores. Com estes postos de trabalho se resolve boa parte dos problemas do lugar. Será uma mudança expressiva no modo de vida. Não vamos adotar a Ilha Diana. Eles não precisam disso. Ao invés de dar o peixe, ensinaremos a pescar” garante Mendes.

Comunidade dividida

Diversas dúvidas estão deixando os moradores indecisos sobre a chegada da Embraport nas vizinhanças da Ilha Diana. Alguns que sobrevivem da pesca artesanal acham que não poderão navegar nas proximidades do terminal. Os mais antigos não querem que a região fique movimentada e atraia intrusos para comunidade. Os mais novos acreditam que as oportunidades de trabalho irão surgir ao lon-

go do processo. Outros temem que o problema de inundação da ilha juntamente com o aterro que será feito no local do empreendimento.

Edvaldo Domingos de Lima entende que a empresa só vai utilizar a mão-de-obra dos moradores no começo da obra. “Faremos o desmatamento do terreno. Depois, ninguém será aproveitado”, diz o líder comunitário. Já o morador Milton Gomes acredita que a população pode se beneficiar com o projeto. “Do mesmo modo que eu faço, outras pessoas podem trabalhar fora”, compara. Gomes trabalha numa empresa de navegação em Vicente de Carvalho.

Outras medidas

O Ibama avaliou as perdas ambientais e colocou as condições para que o projeto pudesse concorrer nas etapas do licenciamento. A principal mitigação (compensação) determina que 60% do terreno de um milhão de metros quadrados não sejam utilizados na obra. Este compromisso será averbado em cartório, conforme as exigências do Ibama. Outra medida de peso prevê que meio percentual, do valor total do empreendimento, seja investido numa área de preservação permanente. Neste caso, a Embraport teria que aplicar algo acima de R\$ 1 milhão, aproximadamente.

Os estudos foram realizados com base na legislação ambiental e uma equipe de 15 técnicos, todos na sua área de especialidade, está analisando todos os critérios. Parte deste trabalho possibilitou que o órgão emitisse a Licença Prévia do empreendimento. A expectativa da Embraport é de conseguir, ainda em 2005, a Licença de Instalação. Assim, poderá iniciar as obras no começo de 2006, de acordo com a previsão.

Prefeitura quer aproveitar o momento

Parceria com a Embraport visa solucionar problemas da Ilha Diana. Por outro lado, o município pretende desenvolver a economia local



Lara (à dir.) debate com Álvaro Pereira, coordenador da Área Continental.

O secretário de Governo de Santos, Márcio Lara, está otimista com a instalação do terminal Embraport na Área Continental. Ele diz que o momento é de extrair os benefícios que o empreendimento irá proporcionar para a região.

Diversas conversas vêm ocorrendo, todas no sentido de adequar

as propostas da empresa em relação às necessidades do município. “A cidade vai ganhar com a geração de empregos, com o aumento da movimentação no porto e com o recolhimento de impostos”, explica o secretário.

Lara ressalta que a empresa chega no momento importante, em que várias secretarias estão concentradas em formatar o plano de Desenvolvimento da Área Continental. Ele explica que a comunidade da Ilha Diana pode ser beneficiada diretamente. “Temos nos esforçado, em nossos entendimentos, para incluir entre as medidas mitigatórias da Embraport os problemas de infra-estrutura do bairro. O saneamento básico e abastecimento de energia elétrica são as prioridades”.

O diretor-superintendente da Embraport, Mozart Miranda Mendes, aponta uma estratégia para a solução dos problemas referentes à energia elétrica. Segundo levantamentos superficiais, a necessidade de consumo elétrico do terminal será alta. Quando todos os equipamentos estiverem funcionando a capacidade solicitada pode chegar a 30 megawatts.

Isso vai exigir um grande investimento de rede por parte da concessionária pública. “Essa potencialidade aumenta nosso poder como cliente. Vamos nos reunir com o prefeito para reivindicar junto a CPFL. Já que eles vão trazer energia elétrica até o nosso terminal, mais 300 metros depois do rio conseguem levar o abastecimento de qualidade até a Ilha Diana”.

No caso do saneamento básico, a Prefeitura já manteve reuniões com a Sabesp e com a Embraport, no sentido de um acordo. A empresa se colocou a disposição para ajudar na construção da rede coletora. “Como o problema envolve a saúde, o esgoto é a situação mais urgente. Resolvendo a questão do saneamento é possível investir no turismo e demais áreas. Durante a obra, podemos colaborar com nossos equipamentos. É o começo das soluções dos problemas da ilha.”, diz o diretor. (MS)





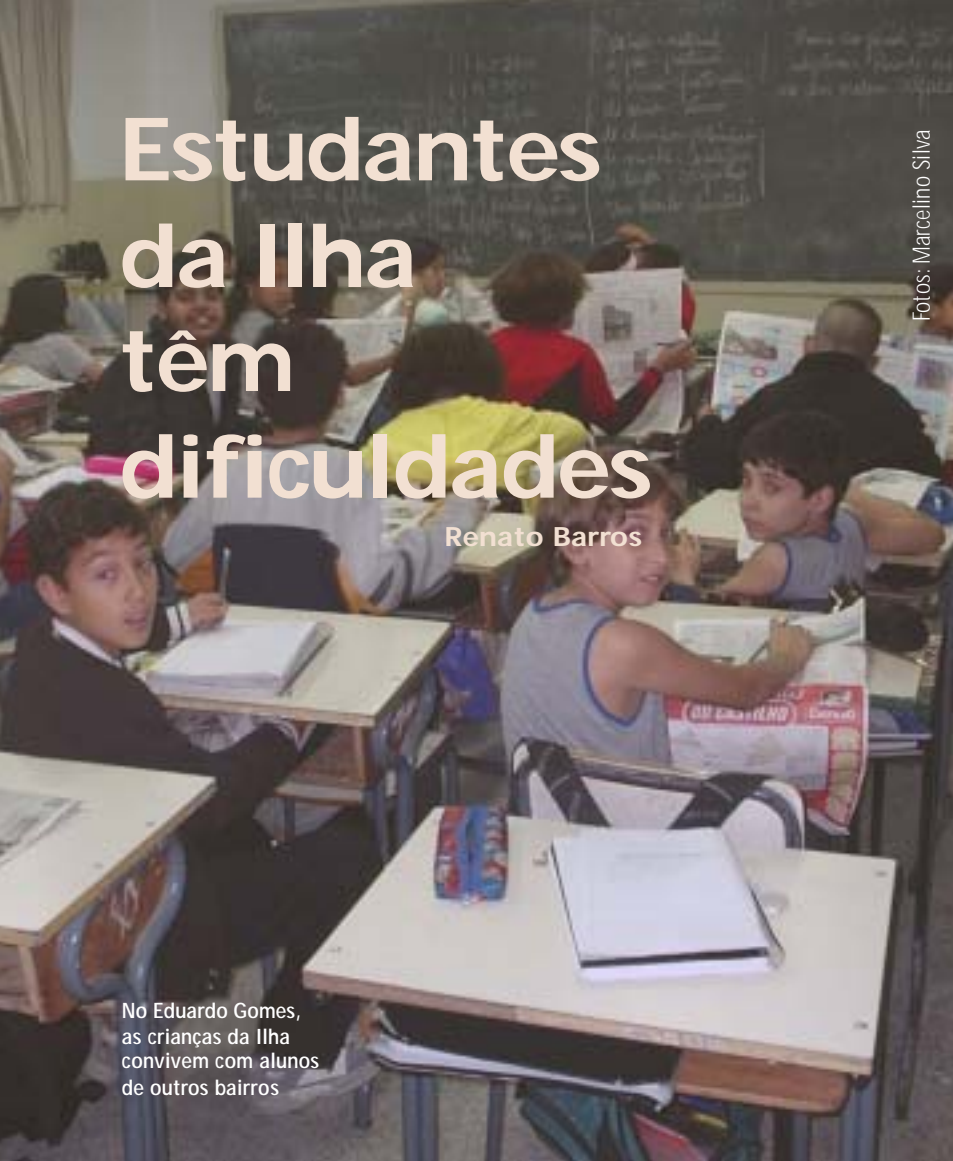
Fotos: Marcelino Silva



Estudantes da Ilha têm dificuldades

Renato Barros

Fotos: Marcelino Silva



No Eduardo Gomes, as crianças da Ilha convivem com alunos de outros bairros

Ensino fraco e baixa frequência são os principais problemas enfrentados pela direção



Tania acredita na recuperação dos alunos



Sala do Ensino Fundamental

Problemas estruturais, falhas no ensino fundamental de 1ª à 4ª séries, falta de incentivo e, também, em muitos casos, de cultura dos pais. Esses são alguns dos problemas que os alunos da Ilha Diana têm que superar no dia a dia de aprendizado.

Essa avaliação é da professora Tânia Donizete Vassão, vice-diretora da Escola Estadual Marechal do Ar Eduardo Gomes, que fica no distrito de Vicente de Carvalho, e atende estudantes de Guarujá e também, a partir da 5ª série, os que vêm da Ilha Diana.

Ela observa que os alunos da ilha chegam com defasagem no aprendizado. "Eles chegam aqui com uma difi-

culdade grande e recebem um atendimento muito especial de cada professor até na parte de alfabetização".

Na ilha, as dificuldades são muitas, desde o transporte da professora que é feito por embarcação até problemas de equipamentos como ausência de computadores, televisão e, principalmente, livros.

Para equiparar o nível de ensino desses alunos com os demais do Guarujá, a escola oferece aulas de reforço que são pouco assistidas pelos alunos da Ilha Diana. "Essas aulas complementares são depois do horário e os alunos dificilmente assistem, pois perdem a barca para ir embora", disse a professora que aponta falhas no trans-

porte marítimo que depende das condições climáticas para funcionar, o que dificulta a frequência dos alunos na escola da Base Aérea a poucos metros de distância.

Acompanhamento do pais

Tânia disse que os pais da Ilha Diana sempre comparecem às reuniões, mas que a falta de estudo deles reflete nos filhos. "Os pais não têm conhecimento nem cultura para ajudar os filhos a sanar as dificuldades", disse a professora que ainda informou que o aprendizado é lento. No entanto, ela garante que 80% chegam ao nível normal de aprendizado até o final do ensino médio.

Moradores reclamam da falta de médicos

Marcelino Silva

A falta de médicos e enfermeiros, o funcionamento inconstante e o número controlado de consultas diárias são os principais problemas da Unidade de Saúde de Ilha Diana. Usuários dizem que quando precisam se tratar são obrigados a procurar os hospitais de Santos ou de Vicente de Carvalho. Em caso de emergência, o socorro é prestado pelos militares da Base Aérea.

Segundo moradores, o médico deveria vir duas vezes por semana, mas nem sempre isso acontece. E quando as consultas são realizadas, o número máximo de atendimentos é de oito pessoas. Eles consideram a assistência insuficiente para uma comunidade com quase 200 habitantes.

A comerciante Shirley Hipólito de Souza conta que o antigo médico, conhecido como doutor Marcos, atendia bem a comunidade e era muito atencioso. Agora, ela diz que a situação não está boa. "Aqui nunca tem médico. Tenho que ir à Santa Casa, em Santos. Lá sou bem atendida. No posto da ilha não é possível tratar o diabetes. Se for esperar, acabo morrendo. O doutor Marcos era um ótimo profissional. Ficava aqui até o último paciente ser atendido. Sempre que uma pessoa boa se interessa por nós acaba indo embora", lamenta.

No caso da dona de casa Sílvia Helena de Souza Lima, o problema foi mais grave e ela precisou ser socorrida de barco. "Tive um mal-estar muito forte. Minha pressão abaixou bastante, senti dores de cabeça e vomitei várias vezes. Os vizinhos ajudaram o meu marido a me levar de chatinha para a Base Aérea. Não

quero passar por isso novamente", lembra. Neste dia, uma ambulância militar levou Sílvia até o pronto-socorro de Vicente de Carvalho.

Segundo a líder comunitária Elisa Maria da Silva, durante o primeiro semestre de 2005, o médico atendia duas vezes por semana e a enfermeira comparecia em todos os dias úteis no posto de saúde. "O doutor Marcos nos visitava na segunda e sexta feiras. Agora, temos um novo médico, já é o quarto só este ano. Parece ser legal, mas tem que atender no mínimo duas vezes por semana, senão de nada vai adiantar", reivindica a diretora da Sociedade de Melhoramentos de Ilha Diana.

Outro lado

A coordenadora de saúde coletiva da Secretaria de Saúde de Santos, Regina Bernardino, é responsável pelos projetos que envolvem a Área Continental, que inclui a Ilha Diana. Ela diz que o bairro está inserido no Programa de Saúde da Família e passa pelo processo de adequação do programa.

Regina explica que o projeto é dividido em equipes comunitárias que são compostas por um médico da família, um enfermeiro padrão, um auxiliar de enfermagem e um agente comunitário que obrigatoriamente deve morar na comunidade. "A Ilha Diana tem seu próprio agente comunitário de saúde que pode ajudar todos os moradores".

Segundo a coordenadora, o número de atendimentos é feito dentro das regras do Ministério da Saúde. É respeitada a carga horária de cada um.



Posto fechado: quarta-feira 13/10/2005

A comunidade tem um posto de saúde exclusivo, mas, segundo usuários, o equipamento não atende as necessidades



Horários na parede do posto

Quanto à ausência de médicos e enfermeiros, Regina justifica. "A enfermeira local está de férias e a que ficou no lugar atende outros bairros simultaneamente, mas não deixa de atender. É ordem da secretaria. O médico que a população gostava pediu exoneração do quadro da Prefeitura. Deslocamos médicos de outras regiões. Só poderemos contratar outro profissional quando o processo de concurso público for concluído. Isso logo será resolvido", conclui.

Lixo é uma ameaça

Renato Barros

A falta de consciência ambiental de parte dos moradores prejudica as atividades econômicas

O lixo é deixado nos lugares escondidos

A falta de infra-estrutura aliada a pouca consciência dos moradores em preservar o meio ambiente prejudicam a qualidade da pesca e o desenvolvimento turístico da Ilha Diana.

Como se não bastasse a poluição proveniente do esgoto que desemboca no atracadouro da ilha (único ponto de embarque e desembarque de visitantes), o lixo caseiro e entulho são depositados e atirados sem qualquer preocupação com o ecossistema.

O professor Fernando Santiago Santos acompanha há cinco anos a relação da comunidade com o meio onde vive. E não está satisfeito: “logo que chegamos ao atracadouro podemos notar que o manguezal está altamente impactado com dejetos, lixo doméstico e esgoto. Isso indica que os moradores não têm a visão de preservar o meio ambiente”.

Doutor em Biologia, Santos faz visitas semestrais, de barco, com seus alunos. Ele aponta a parte de trás da ilha como degradada. Ali, o cheiro característico do esgoto é mais concentrado, pois os efluentes ficam barrados na vegetação, assim como pedaços de geladeira e garrafas plásticas. “Lixo vem de diversos lugares, mas a maioria é da própria ilha”, analisa.

Mas o que mais preocupa o professor é o lixo que contém materiais tóxicos e metal pesado, como pilhas e baterias de celulares, pois “boa parte dos animais que vivem nos manguezais absorvem o material químico. Por isso, o morador corre risco de contaminação ao consumir um peixe nessas condições”, alerta.

Apesar dessa avaliação, o promotor de Justiça de Meio Ambiente, Dauri de Paula, com base em um pré-levantamento de controle do estuário, constatou que o mesmo vem apresentando degradação na vegetação e deposição inadequada de resíduos sólidos

dos, “o índice de contaminação na ilha não é elevado”.

Centro de referência

A ex-secretária municipal de Meio Ambiente e atual secretária de Planejamento Débora Blanco Dias garante que os moradores conhecem a importância da preservação ambiental e que a Prefeitura estimula essa conscientização.

Com o objetivo de transformar a Ilha Diana em um “centro de referência em desenvolvimento e qualidade de vida”, Débora aposta que a ilha tem potencial para se tornar um exemplo em preservação ambiental e desenvolvimento sustentável. Mas ela deixa claro que a Prefeitura não tem poder para realizar a tarefa sozinha. “A Embraport pode somar na construção de uma nova possibilidade à Ilha Diana”, cogita.

Enquanto isso não acontece, os moradores dizem que são obrigados a pescar cada vez mais longe. “A pesca está ruim”, resume, com simplicidade e poucas palavras, o carpinteiro e pescador Armando de Souza, de 58 anos – 40 desses morando na ilha.



Entulho não é retirado



Lixo doméstico não é retirado



O lixo precisa ser retirado de barco



Falta de conhecimento em alguns pontos

“Empreendimento é contra a lei”, diz promotor

O promotor de Justiça do Meio Ambiente, Dauri de Paula, disse que o empreendimento que a Embraport está executando na Área Continental de Santos “é imoral e absolutamente contra a lei”.

Essa afirmação resulta da disposição do Serviço de Patrimônio da União, de não cobrar pela área a ser ocupada pela empresa, sob o argumento de que trará desenvolvimento e aumento das exportações. “É preciso cumprir a lei que determina a licitação para a concessão da área”, afirma o promotor que encaminhou o caso ao Ministério Público Federal.

Segundo Dauri, o Estado deveria verificar a melhor área para a instalação do empreendimento e promover uma licitação.

Impacto negativo

Para o promotor, o empreendimento trará impactos negativos para a comunidade na questão sócio-ambiental, alterando o ritmo de vida das pessoas. “O Instituto de Pesca já aponta para a necessidade de requalificação dos pescadores porque quanto mais empreendimentos se instalando no local, maior a contaminação ambiental”.

Ele acrescenta que o Ministério Público (MP) tem levantado dados para o controle ambiental adequado do estuário e quer saber qual é o comportamento dos moradores na questão ambiental, se contribui ou não para a preservação.

Segundo o representante do MP, a região apresenta degradação de vegetação e deposição inadequada de resíduos sólidos. “Apesar disso, a região ainda é razoavelmente preservada e os índices de contaminação no local não são tão elevados. A pesca é boa, mas o pescador tem que ir cada vez mais longe para exercer sua atividade”, assinala.(RB)



A situação da pesca artesanal, que é a única fonte de renda de parte dos moradores da ilha, e a história do pescador Mauri, que aos 70 anos de idade tira da natureza o sustento da vida

Nascido na Vila da Bocaina, a relação de Mauri Martins da Silva com o mar vem desde criança. O avô foi tripulante de navio grego e o pai era tenente da Marinha de Guerra. Mas, a principal influência no gosto pela profissão veio do tio pescador. “Meu pai sumiu depois que minha mãe morreu, o irmão dela foi quem me criou. Aprendi com ele, fiquei moço e gostei da coisa. Fui registrado na Capitania dos Portos em 1951. Sou marítimo-pescador de carteira”, explica com orgulho.

Casado há 44 anos com a filha de italianos, Iolanda Biscari da Silva, Mauri está na Ilha Diana desde 1970, quando ele e a esposa deixaram o Sítio Sândi, que fica na outra margem do rio Diana. Juntos tiveram oito filhos, sendo seis homens e duas mulheres. Um menino faleceu ainda recém-nascido. Hoje, ele tem vários netos. “Nunca abandonei ninguém. Graças a Deus criei toda a minha família com o sustento da pesca”, lembra com emoção.

Solitário, Mauri sai diariamente com sua “chatinha” de madeira, equipada com motor de centro e movida à gasolina. Nos dias mais calmos, esban-

O velho e o mar

Marcelino Silva

Mauri a relação
coma natureza
faz parte da vida

ja vitalidade e prefere usar um simples barco a remo. “Muitos jovens não fazem o que eu faço”. Somente o nevoeiro ou a forte chuva é capaz de impedir sua luta cotidiana. A pele denuncia as picadas recebidas pelo corpo. É o fruto da ação dos pólvoras e dos borrachudos, espécies de mosquitos que vivem nos mangues e nas encostas da Serra do Mar.

A arte de pescar

O objetivo de Mauri é diferente a cada dia, dependendo da época e das condições da natureza. “Na maré cheia, os peixes sobem o rio, é bom para pescar Robalos, Tainhas e Paratis. Na vazante é fácil pegar ostras e mariscos. Com a mudança de lua, os camaroneiros são os preferidos. Já os camarões precisam estar no tamanho ideal”. Ele pesca de tudo um pouco e para isso é necessária uma variedade de artefatos. Utiliza redes, tarrafas, ganchos e puçás (cestos), mas sua preferência é a pesca de cerco fixo.

O pescador é considerado mestre na técnica de fabricar cercos. Montado com raspas de bambus e tecido com arame galvanizado, a armadilha tem aproximadamente 15 metros de diâmetro e é fincada no fundo do rio. Ele já teve seis cercos espalhados pela região, mas desde que ficou um ano parado, por problemas cardíacos, a licença de exploração venceu. Durante esse tempo, os piratas destruíram os cativéis. Eles costumam invadir os cercos com lanchas e roubar todos os peixes.

Segundo Mauri, a técnica é uma ajuda fora de série, pois já pegou mil quilos de peixes num único cerco. Outra vantagem é que várias espécies são capturadas ao mesmo tempo. Ele tem esperanças de que o Ibama conceda uma nova licença. “Enquanto descanso, o cerco está pescando por mim. É uma ciência que só o pesca-

dor conhece. Tem que entender o corte que a correnteza faz. Nunca montei um cerco onde os peixes conseguissem fugir. Tenho fé em Deus, que vou construí-los novamente”.

Para Mauri, a pesca artesanal precisa de uma cooperativa que faça o produto chegar aos mercados de distribuição. Ele diz que no passado chegou a lucrar entre R\$ 1 mil e R\$ 2 mil mensais. Atualmente, ele vende o pescado para comerciantes de Vicente de Carvalho e não consegue ganhar mais que R\$ 500 por mês. Apesar das dificuldades, ele não desanima. “Já falei e vou repetir. Amo tudo o que faço. A pesca é minha vida”.

Decadência da pesca artesanal

Estudos feitos pelo Instituto de Pesca de Santos mostram que, ao longo dos anos, os manguezais vêm sofrendo diversos impactos que têm contribuído para a degradação da vida marinha. Além das conseqüências ambientais, os impactos interferem diretamente na reprodução dos organismos aquáticos, afetando o potencial da pesca e, conseqüentemente, o pescador artesanal que tira o sustento do mangue.

Segundo pesquisa do instituto, realizada pela equipe do professor Alberto Ferreira de Amorim, a Ilha Diana já representou 1,8% da pesca artesanal na Baixada Santista, com aproximadamente 50 pescadores cadastrados. Hoje, este número não passa de 0,7%, o que representa somente 15 trabalhadores registrados. Os demais praticam a pesca por falta de opção e estão anônimos em relação ao cadastramento.

Os dados apontam, segundo o depoimento dos próprios pescadores, uma dificuldade cada vez maior em



Dona Iolanda faz parte da vida de Mauri



Rede adequada para a pesca do dia



A caminho do sustento da vida

conseguir o pescado. Seus descendentes em sua maioria estão se dedicando a outras atividades, perdendo a tradição da pesca artesanal. Com essa ameaça, a uma das profissões mais antigas da humanidade corre o risco de desaparecer da região.

O trabalho do professor Amorim pretende levantar a situação socioeconômica dos pescadores artesanais da Baixada, visando fornecer subsídios que auxiliem as entidades públicas e privadas nas tomadas de decisões.

Festival

No mês de agosto, durante a Festa do Bom Jesus, aconteceu o 25º Festival do E.C. Diana. Além do time da casa, foram convidadas as equipes do Esporte Clube Vitória, do morro São Bento, em Santos, Ases do Leme e Unidos da Saideira, ambas de Vicente de Carvalho, em Guarujá. O Ases do Leme venceu o Vitória por 5 a 2. Já o Diana derrotou o Unidos da Saideira por 2 a 1. As equipes vencedoras receberam troféus de campeãs do torneio.

O diretor do E.C. Diana, Ricardo de Sousa, diz que o sucesso dos jogos tem atraído o interesse das mulheres. “A intenção é realizar um torneio feminino”, revela. Segundo ele, cerca de 30 pessoas praticam o futebol na ilha. Para Sousa é importante a participação dos visitantes. “O futebol é o principal lazer na ilha. Sem os times de fora, não seria possível realizar os festivais. Eles sempre voltam e todos acabam ficando amigos”.



Ases do Leme



Carlão e Jabuca



Diana 2 X 1 Unidos

Além de peixes, mariscos e camarões, o futebol também enche as redes dos pescadores da Ilha Diana

Fotos: Marcelino Silva

Maré alta

Caranguejo é bom de bola

Marcelino Silva

Com poucas opções de lazer, os moradores da comunidade não deixam de praticar o esporte que é a paixão nacional. Faltam redes de esgoto e energia elétrica própria no bairro, só não pode faltar o campinho de várzea. O mais curioso é a relação do homem com a natureza para que as “peladas” possam ser realizadas. Já imaginou a Vila Belmir o alagada pela maré-alta, cheia de buracos e pequenos caranguejos passando pelo gramado? É isso mesmo. Na Ilha Diana, o futebol é praticado nessas condições. Localizado no lado norte da ilha, parte do campo fica próximo à área de mangue que ainda está preservada.

Carlos Alberto Hipólito, o Carlão, é um dos moradores que joga pelo time local, o Esporte Clube Diana. “É só bater bola dentro de campo que em pouco tempo os caranguejos fogem para o mangue ou se escondem em suas casas. Conforme

vamos jogando, os buracos das tocas são tapados pelos nossos pés”, explica.

A linha de fundo é demarcada por uma barreira de pneus. É uma tentativa de impedir o avanço da maré e a consequente erosão do campo de jogo. Mas, nem sempre isso é possível. “Quando a maré sobe acima de 1,40 metros, não tem jeito. Temos que cancelar as partidas e esperar a água abaixar”, diz Carlão.

Como já é tradição, quem está de fora é convidado a apitar o jogo. E o que é pior, sem o auxílio de bandeirinhas. Outra particularidade é o número de participantes. Devido às dimensões do campo, cada equipe joga somente com oito jogadores. O papel de gandula fica por conta dos mais novos. Eles são encarregados de buscar as bolas chutadas para dentro do mangue. No final, a cerveja gelada é servida pelo bar que fica à beira do campo.



Combate Erosão



Maré Baixa

Cerveja gelada, cachaça artesanal e petiscos da culinária caiçara são os principais atrativos dos vários bares da ilha



Bar do Tilico



Bar do Campo



Bar da Ilha



Bar da Kaka



Bar da Ilha é o maior de todos



Botecos pra dar e vender

Marcelino Silva

Depois do futebol, o principal passatempo dos moradores e visitantes da Ilha Diana é beber, petiscar e jogar conversa fora num dos oito bares do lugar. Comparando com outros bairros da cidade e levando em conta o tamanho da comunidade, o número de estabelecimentos é considerado alto.

Um dos mais estruturados é o Bar, Lanchonete e Mercadoria da Ilha. Dirigido por Hélio França, no bar é fácil encontrar produtos variados como os de higiene, artesanatos e biscoitos. Possui amplo salão coberto com mesas e cadeiras. Nas paredes, uma exposição fotográfica conta a história dos habitantes da ilha. Dona Tereza, esposa de França, serve uma das especialidades da casa, o peixe azul-marinho. A receita leva banana verde e risoto de camarão. Os pratos variam de R\$ 6,00 a R\$ 20,00. A cerveja custa R\$ 3,00.

Para aqueles que gostam de cachaça artesanal, a indicação é o quintal do pescador Manuel Pedro Alves, o Pezão. Geralmente, nos fins de semana, são preparados marisco lambe-lambe com arroz e peixes assados na brasa. A comida não é cobrada dos clientes mais chegados. “Estou estruturando o local. O meu forte é a venda de cerveja”. Os clientes são servidos a céu aberto com poucos lugares para sentar. A dose da aguardente vale R\$ 1,00 e a cerveja sai por R\$ 2,50. Pezão busca de barco as caixas de bebidas no centro, em Santos.

Segundo o vice-presidente da Sociedade de Melhoramentos da Ilha Diana, Vanderley Gomes, o orçamento doméstico é o principal motivo da existência de vários botecos. “Para aumentar a renda, as pessoas acabam vendendo bebidas e outras guloseimas. Qualquer quintal vazio pode virar bar de uma hora para outra”.



Cerveja vem de Santos



Bar do Pezão



Pezão

A fé em dose dupla

Marcelino Silva

Fotos: Marcelino Silva

Completando 51 anos e comemorado sempre no dia 6 de agosto, um imprevisto fez com que os festejos do Bom Jesus de Ilha Diana fossem realizados por duas vezes em 2005

Procissão terrestre
acontece todos os anos

“Quem reza, seus males espanta”.

Foi demonstrando os ensinamentos da fé e da oração, que o 1º tenente capelão da Base Aérea de Santos, Ronaldo Eustáquio dos Santos, Ronaldo Eustáquio dos Santos amenizou o ressentimento da população da Ilha Diana em relação ao contratempo ocorrido neste ano. Seu sentimento religioso foi expresso no dia 6 de agosto após a celebração da missa anual em devoção ao padroeiro da comunidade.

Padre Ronaldo, como é conhecido, elogiou a crença dos moradores em realizar a Festa do Bom Jesus na data em que ela tradicionalmente acontece. “Enquanto padre, eu não poderia me furtar a essa missão. Se eles querem, vim rezar com o povo conforme Deus deseja. Rezamos, também, para que as crianças sejam preservadas na sua saúde. O senhor Bom Jesus tem os meios e a fé está acima de tudo. Que esse surto de catapora desapareça”.

Foi justamente o surto de varicela, surgido no mês de julho, que obrigou a Prefeitura Municipal de Santos, por meio da Secretaria de Saúde, a cancelar os festejos na data que ele ocorre por tradição. Segundo a coordenadora de saúde coletiva do município, Regina Bernardino, a preservação da saúde pública foi o principal objetivo da decisão.

“Durante a festa, um grande número de pessoas visitam a ilha. Não poderíamos correr o risco de transportar a doença para outros bairros da cidade. Tínhamos que aguardar o controle da situação”, explica Regina. Mesmo assim, os moradores resolveram manter a tradição e promover a festa de forma independente. “A data certa do padroeiro é 6 de agosto. É nesse dia que devemos comemorar o nosso Bom Jesus”, diz Adriano da Silva Alves, morador da ilha há 40 anos.

Com o problema de saúde resolvido, a Prefeitura apoiou a realização de uma nova festa dentro das comemorações oficiais do município. Desta vez, o dia escolhido foi 17 de setembro. O coordenador de assuntos comunitários da Área Continental de Santos, Álvaro Pereira Pinto Júnior, ressaltou a importância do evento. “A festa faz parte do calendário religioso da cidade. A comunidade ganha e o município também. Jamais deixaríamos de ajudar. Apenas esperamos o momento certo”.

Em ambas as datas, a programação da festa foi bem variada. O campeonato de pesca e o torneio de futebol de várzea foram as atrações esportivas. Os mais religiosos puderam acompanhar as missas e as procissões marítima e terrestre. Enquanto isso, a garotada podia se divertir na Rua do Lazer e saborear o enorme bolo da tradicional Festa das Crianças. Durante a noite, com música e muita dança, o Baile da Saudade fez a alegria dos mais velhos.

Não podia faltar o Festival Gastronômico, com comidas típicas da culinária caiçara, além de bebidas e salgados diversos. Com preços que variavam de R\$ 1,00 a R\$ 12,00 era possível provar deliciosos pratos como o risoto de camarão, o marisco à vinagrete, o siri ao molho e a famosa tainha assada com farofa.

Entusiasmado, o presidente da Sociedade de Melhoramentos, Edvaldo Domingos de Lima, agradeceu o padroeiro e revelou onde serão aplicados os recursos. “Duas festas arrecadam mais que uma. Cuidaremos do Centro Comunitário e da ampliação da Capela do Bom Jesus. Há males que vêm para o bem. Valeu a pena rezar em dobro”.



Missa anual



Benção nas crianças




Porção de Parati frito



Abençoando o território

História: A ilha tem como padroeiro Bom Jesus de Iguape devido aos primeiros moradores serem naturais de Iguape. A imagem foi adquirida em Portugal por um senhor pernambucano. Na volta para o Brasil, sua embarcação foi afundada por piratas, sendo encontrada na Praia do Una. Conta a versão popular que a imagem adquiriu um peso anormal. Índios colocaram-na virada para Iguape e seu peso diminuiu. Pescadores conduziram-na em uma rede até a Barra do Ribeira e posteriormente para Iguape.

Fonte: Setur/Santos



A história da
Ilha Diana se
confunde com
a vida de
dona Dina, a
moradora
mais antiga
do lugar

Fotos: Marcelino Silva

"Só saio daqui
quando morrer"

Marcelino Silva

Chalé de Madeira:
dona Dina faz questão
de receber os
visitantes em casa

Na companhia inseparável de Negrinho, o cachorro de estimação, com os pés descalços no chão úmido e demonstrando muita lucidez nas recordações. É assim que Antônia Bittencourt de Souza, a dona Dina, 85 anos, conta um pouco da história de quem vive há 65 anos na Ilha Diana. Nascida no Saco do Embira (ou Bocaína), em Vicente de Carvalho, dona Dina casou-se aos 16 anos com o pescador catarinense Norberto de Souza.

Ela, o esposo, a mãe e o padrasto foram os primeiros a chegar no vilarejo, no início dos anos 40. Foram obrigados a sair do Embira por causa da ampliação da Base Aérea de Santos. Na ilha, construíram uma casa num terreno cercado pelo mangue. Norberto era feitor em fazendas de banana da região, depois começou a trabalhar na pesca.

Dona Antônia tem nas mãos as marcas do esforço que fazia para incentivar o marido. Ela ajudava a limpar o pescado e a tecer os arames dos cercos de pesca. Quando lembra dele, a lágrima escorre no rosto enrugado pelos anos de vida. "Nem me fale. Ele morreu há 25 anos. Norberto era tudo para mim. Foi marido, amigo, pai e irmão ao mesmo tempo. Não deixava faltar nada em casa. Criamos seis filhos juntos, todos adotivos".

Norberto teve um infarto fulminante numa viagem de barco pelo canal de Bertioça. Morreu nos braços da filha Celina Ayres, quando foram visitar parentes no Largo do Candinho. No dia em que o marido faleceu, dona Dina diz ter sentido que algo iria acontecer com ele. "Logo cedo lhe dei um abraço e falei chorando que o amava. Disse a ele que estava sentindo um aperto no peito. Depois de 47 anos de casados, eu sabia que ele iria partir". Ela ainda guarda o porta-retrato com

a foto de casamento.

Dos seis filhos que criou, apenas dois vivem com ela. Além de Celina, Eugênio Gomes Filho, o Jabuca, reside junto. A casa de dona Dina é a mesma dos velhos tempos. Um chalé de madeira no estilo das moradias caiçaras. O solo tem buracos feitos pelos caranguejos e o terreno é dividido por um cercado de bambu. Na acanhada cozinha, as panelas brilham de tão limpas. "Minha casa é simples, mas é tudo arrumado. Gosto de cuidar do lar e acordar cedo para varrer o quintal".

Dona Dina sustenta a casa com a pensão de um salário mínimo que recebe por mês. Não costuma ficar doente, mas, se precisar, só se trata com remédio caseiro. Devota de Bom Jesus de Ilha Diana, ela faz questão de exercitar a fé. Mantém sobre o móvel da sala, a foto do Papa, e na parede, um quadro de Nossa Senhora Aparecida. Deixar a ilha é algo que não passa no seu pensamento. "Só saio daqui quando morrer".

Caçula da ilha

Perto de completar cinco meses de vida, a mais nova moradora da Ilha Diana. Natasha Lima Quirino nasceu em 18 de junho de 2005, às 13h30, na Santa Casa de Misericórdia de Santos. Veio ao mundo por meio de parto normal e pesando 3,25 Kg.

Filha do pescador Ricardo Quirino de Souza e da dona de casa Angela Souza Lima, Natasha nasceu a tempo de ser abençoada durante as comemorações da 51ª Festa do Bom Jesus de Ilha Diana. A mãe de Natasha fez questão que o padre Ronaldo Estáquio dos Santos rezasse pela saúde da filha.



Negrinho não desgruda da dona Dina



Arquitetura típica de pescador



A casa está sempre arrumada



Natasha é a atual xodó da ilha

